

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOPL 26 AGOSTO 1965

TREINO DE CIENTOLOGIA EXAMES DE PARCEIROS

(Excertos das HCO PLs de 4 Out. 64
e 24 Set. 64 rescritas)

No treino de Cientologia usamos um sistema chamado EXAMES DE PARCEIROS. A cada estudante é atribuído um parceiro com quem trabalhar. O estudante estuda o material a ele destinado e é por vezes treinado pelo parceiro nos pontos mais difíceis. Quando o estudante sabe o material, é-lhe feito um exame pelo parceiro. Se ele falha *volta a estudar* e, quando está pronto, faz outro exame. Quando passa, o parceiro assina a folha certificando que ele apreendeu a coisa. A folha é entregue ao Supervisor de Curso no fim do período.

MAUS HÁBITOS DE ESTUDO

Formas anteriores de educação sofrem de um mau hábito. O hábito é de todos os anos de escolaridade formal em que este *erro* é todo um modo de vida.

Se um estudante sabe a letra o professor assume que ele sabe a música.

Nunca fará bem nenhum a um estudante saber alguns factos. De um estudante só se espera saber como *usar* factos.

É tão fácil confrontar pensamento e tão difícil confrontar ação que o professor deixa muitas vezes complacentemente o estudante com palavras e ideias que não significam nada para ele.

TODO O EXAME DE TEORIA DEVE CONSULTAR A COMPREENSÃO DO ESTUDANTE.

Se não o fizerem será inútil e, por fim, perturbarão o estudante.

As dificuldades dum curso provêm inteiramente da não compreensão de palavras e dados pelo estudante.

Embora isto possa ser curado por audição, porquê auditar quando isso se pode evitar com um exame de teoria adequado, antes de mais nada?

Existem aqui dois fenómenos.

PRIMEIRO FENÓMENO

Quando um estudante comprehende mal uma palavra, a secção a seguir a essa palavra fica em branco na sua memória. Podemos sempre pesquisar a palavra logo atrás do espaço em branco, comprehendê-la e ver que a área, antes em branco, miraculosamente, já não está em branco no boletim. Isto é pura magia.

SEGUNDO FENÓMENO

O segundo fenómeno ocorre depois do estudante ter passado por muitas palavras mal-entendidas. Ele começa a detestar cada vez mais o assunto em estudo. Isto é seguido de várias condições mentais e físicas e por várias queixas, atribuição de culpas e olha-o-que-me-fizeram. Isto justifica uma partida, uma deserção do assunto a ser estudado.

Mas o sistema de educação, fazendo, como faz, má cara às deserções, faz com que o estudante realmente se afaste do assunto de estudo (seja o que for que ele esteja a estudar) e coloque no seu lugar um *círculo* que pode receber e dar frases.

Agora temos “o estudante rápido que de modo algum aplica o que aprende”.

O fenômeno específico é que um estudante pode estudar algumas palavras e dizê-las de volta e ainda assim não ser participativo na ação. O estudante tem Bom mais no exame, mas não pode aplicar os dados.

A *Demonstração* é aqui a chave. No momento em que pedimos a este tipo de estudante para *demonstrar* uma regra ou teoria com as suas mãos ou cliques, esta verborreia estoirará.

A razão por que isto acontece é que o estudante, ao memorizar palavras ou ideias, pode ainda manter a posição de que isso não tem nada a ver com ele. É uma total ação de circuito. Por isso a muita verborreia. No momento em que lhe dizem “*Demonstra*”, o estudante *tem* que ter algo a ver com essa palavra, ideia ou princípio. E estala o verniz.

O estudante completamente estúpido só está preso na não compreensão da área em branco a seguir a alguma palavra mal-entendida.

O estudante “muito brilhante” que ainda assim não pode usar os dados, nem por sombras lá está. Há muito tempo que ele deixou de confrontar a matéria ou o assunto.

A cura para ambas as condições, da “brilhante não compreensão” ou “estupidez” é encontrar a palavra que escapou.

Mas estas condições podem ser evitadas não deixando o estudante ir além da palavra que escapou sem apreender o seu significado. E esse é o dever do instrutor de teoria.

TREINAR A TEORIA

Treinar a teoria significa mandar o estudante definir *todas* as palavras, dar *todas* as regras, demonstrar as coisas do texto com as mãos ou pedaços de coisas, e também pode incluir demonstrar as Definições dos termos da Cientologia.

A ação usual do Supervisor de Curso seria mandar um estudante, com qualquer problema ou lento ou marrão, juntá-lo com um parceiro com dificuldades comparáveis e mandá-los alternar um com o outro no treino de teoria.

Uma vez treinado o texto atribuído, dá ao seu parceiro um exame. O exame é feito por amostragem aleatória de algumas definições ou regras e algumas demonstrações.

DEMONSTRAÇÃO

Dar um texto para ver se pode ser citado ou parafraseado, não prova absolutamente nada. Isto não garantirá que o estudante saiba os dados ou que os possa usar ou aplicar, nem mesmo garante que o estudante lá esteja. Nem o estudante “brilhante” nem o estudante “estúpido” (ambos sofrendo da mesma doença) beneficiarão de tal exame.

Assim, examinar vendo se a pessoa “sabe” o texto e pode citá-lo ou parafraseá-lo, é um exame completamente falso e *não deve ser feito*.

Um exame correto é feito apenas testando a pessoa na resposta:

- (a) O significado da palavra (redefinindo as palavras usadas pelas suas próprias palavras e demonstrando a sua utilização em frases construídas por si mesmo) e
- (b) Demonstrando como os dados são usados.

O parceiro pode pedir o *significado* das palavras. E ele pode pedir exemplos de ação ou aplicação.

“O que é o primeiro parágrafo deste Boletim?” é quase o mais estúpido que pode haver. “Quais são as regras sobre _____?” é uma pergunta que nunca me daria ao trabalho de fazer. Nenhuma destas diz ao parceiro se tem à sua frente o estudante brilhante que não aplica ou o estúpido. Tais perguntas só podem pedir má-língua e deserções dos cursos.

Eu passaria os olhos pelo primeiro parágrafo algum material no qual fosse examinar um estudante e apanhava algumas palavras invulgares. Pediria ao estudante para definir cada uma delas e demonstrar o seu uso numa frase construída, chumbando o primeiro “bom... hã... deixa-me ver ...”, sendo essa palavra o fim do exame. Não apanharia só Cientologismos. Eu apanharia palavras não muito vulgares como “mercê” “permissivo” “calculado” e também “engrama”.

Estudantes que eu estivesse pessoalmente a examinar, começariam por assumir um olhar caçador e pegar nos dicionários; MAS ELES NÃO COMEÇARIAM A MALDIZER OU A ADOECER OU A DESERTAR, E USARIAM O QUE APRENDERAM.

Acima de tudo, eu próprio me assegurava se sabia o que as palavras queriam dizer antes de começar a examinar.

Ao lidar com uma nova tecnologia e com a necessidade de as coisas terem nome, precisamos de estar especialmente alerta.

Antes de maldizer os nossos termos, lembrem-se que a falta de termos para descrever os fenómenos pode ser duas vezes mais incompreensível do que ter introduzido termos que pelo menos possam por fim ser compreendidos.

Nós vamos realmente muitíssimo bem, melhor do que qualquer outra ciência ou assunto. Falta-nos um dicionário, mas podemos remediar isso.

Mas, continuando com a maneira como devemos examinar, quando o estudante já tem a letra, eu pediria a música. Qual é a música dessa letra?

Eu diria: “muito bem, para que é que te serve este texto?” Perguntas como “agora esta regra aqui sobre não deixar o pc comer rebuçados enquanto está a ser auditado... porque é que tem que existir esta regra?” E se o estudante não pudesse imaginar porquê, eu voltava às palavras imediatamente à frente dessa regra e encontrava aquela que ele não tinha apreendido.

Eu perguntava-lhe: “Quais são as 3 partes do triângulo ARC?” E quando o estudante as desse ainda me daria ao trabalho de ver se o estudante sabia a razão *por que* eram essas as 3 partes. Eu perguntaria “como assim?” depois dele mas ter dado. Ou “o que é que vais fazer com elas?”

Mas se o estudante estivesse num ponto de o estudo onde saber a razão *por que* ele usava o triângulo ARC não fizesse parte dos seus materiais, não lhe fazia a pergunta. É que todos os dados sobre não examinar acima do nível, se aplicam severamente a Exames de Teoria, assim como à Instrução geral e Prática.

Também podia ter uma pilha de papel e elásticos e utilizá-la para mandar os estudantes mostrar que sabem as palavras e ideias.

Nas Teóricas dizem muitas vezes, “bom, eles tomam conta disso nas Práticas”. Oh! não, não tomam. Quando temos uma secção de Teoria que acredita *nisso*, a Prática *não pode funcionar de todo*.

A Prática faz os movimentos simples. A Teoria cobre a razão *por que* se fazem os movimentos.

Penso não ter que insistir nisto até à exaustão.

Aí têm.

DICIONÁRIOS

Deve haver dicionários disponíveis para os estudantes de Teoria, e devem também ser usados nos exames de parceiros, preferivelmente a mesma publicação. Os dicionários nem sempre concordam.

Nenhum Parceiro deve tentar definir palavras da língua Portuguesa da sua própria cabeça, ao corrigir um estudante, pois isso conduz a muita discussão. Nas palavras Portuguesas, abram um dicionário.

Um dicionário de Cientologia estará disponível dentro de poucos meses a partir da data desta PL pois estamos a ser pressionados a publicá-lo.

L Ron Hubbard